



Antonia Luzmila Rivas López, filha dos Andes peruanos, e a primogênita de onze filhos de Dámaso Rivas e Modesta López. Nasceu em 13 de junho de 1920 em Coracora (província de Ayacucho, Peru, conhecida como o

"canto dos mortos"). Os pais proporcionaram aos seus filhos um ambiente de fé, piedade, humildade, compreensão e serviço, especialmente para os mais pobres. Antonia Luzmila foi batizada 11 dias após seu nascimento na paróquia de seu pequeno povoado. Em 1933, em Lima, ingressou no Instituto *Sevilla*, dirigido pela Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, onde as meninas carentes ficavam hospedadas e se formavam.

Atraída pelo serviço das Irmãs, reconheceu claramente o chamado de Jesus, o Bom Pastor, e assim, após concluir seus estudos, ingressou primeiro como postulante e depois assumiu o hábito de noviça, com o nome de "Maria Agustina de Jesus". Mais tarde, recebe o apelido carinhoso de "**Aguchita**".

Durante sua formação, estudou a vida de Santa Maria Eufrásia, São João Eudes e os Anais da Congregação com entusiasmo, paixão e criatividade, para enriquecer seu conhecimento do carisma.

Em 08 de fevereiro de 1944, festa do Imaculado Coração de Maria, ela fez sua primeira profissão de fé, emitindo os três votos de pobreza, castidade e obediência e o quarto voto de zelo, concretizando seu compromisso com a missão e o carisma. Maria Agustina tinha 24 anos quando, em 13 de setembro do mesmo ano, seu pai Dámaso faleceu.

Em 08 de fevereiro de 1949, aos 29 anos, fez seus votos perpétuos, renovando seu compromisso, dedicação e alegria. A partir de então, todos a chamariam carinhosamente de "Aguchita" ou "Agucha".

Em 17 de dezembro de 1952, morre sua mãe. A triste notícia foi compensada, no entanto, pela alegria de saber que seu irmão César ingressara na Congregação do Santíssimo Redentor (Redentoristas).

De 1963 a 1967 trabalhou na casa de *Barrios Altos*, Lima, como diretora da lavanderia, onde não deixou de evangelizar as jovens internas aos cuidados da Congregação, nem de ser modelo de humildade e altruísmo para as jovens religiosas em formação.

Além dos encargos da Congregação, com grande dedicação aos pobres e às mães de família, organizou restaurantes populares e clubes de mães, onde as ensinou a ganhar a vida com seu próprio trabalho.

Passou cinco anos, de 1970 a 1975, como enfermeira na comunidade das Irmãs Contemplativas do Bom Pastor, acompanhando-as, compartilhando o que sabia, encorajando-as a alimentar seu espírito de zelo e dedicação aos casos difíceis de mulheres agredidas, por meio de suas orações e sacrifícios.

Em 1976, formou a recém-criada comunidade *Reina de la Paz*, localizada em Salamanca, Lima, cujas atividades se concentraram em serviços de assistência, promoção e prevenção para crianças e adolescentes, de 11 a 18 anos, em situação de abandono, risco social e extrema pobreza.

Em 1986, foi designada para acompanhar a professora de noviças na comunidade de *Barrios Altos*, onde permaneceu até 1988.

Desde março de 1980, a Congregação está presente na área de *La Florida* (província de Chanchamayo, departamento de Junín, Peru), sendo a presença do Bom Pastor através da promoção, do treinamento e da evangelização de mulheres nativas e colonas. As Irmãs organizaram uma pastoral educacional e juvenil; além disso, projetos que buscavam promover a formação de mulheres da área por meio de uma educação integral que as tornasse protagonistas e defensoras de outras mulheres.

No mesmo ano, o partido comunista peruano *Sendero Luminoso* deu início às suas atividades terroristas. A comunidade do Bom Pastor foi a única presença estável da Igreja em toda a área. A Congregação e as Irmãs, após um discernimento, optaram por ficar para continuar ajudando e acompanhando a população, apesar do perigo que isso envolvia. O trabalho apostólico das Irmãs foi estendido às comunidades vizinhas por meio dos programas de saúde, educação, nutrição, alfabetização, artesanato e catequese familiar.

Em março de 1988, Aguchita foi enviada pela Provincial para trabalhar e fortalecer a equipe que vinha trabalhando no projeto de defesa das mulheres e auxiliando a comunidade com sua experiência. Aguchita imediatamente se entusiasmou com a ideia de ser finalmente missionária, um profundo desejo que se tornara realidade. Ela estava ciente do risco que se corria naquela área.

Durante as incursões dos grupos subversivos no vale do Yurinaqui, em mais de uma ocasião, as freiras consideraram a possibilidade de suspender a missão, porém foram mais fortes a responsabilidade e a consciência do que sua presença significava como mensagem de paz e esperança nesses momentos dramáticos. Nesse contexto, a comunidade e Aguchita expressaram pessoalmente seu desejo de lá permanecer. Em 1989, para compreender melhor a situação do país, Aguchita participou de um encontro nacional sobre não-violência, liderado pelo padre Ernesto Ranley, da Congregação dos Missionários do Sangue Precioso.

Após um breve retiro em Lima em janeiro de 1990, retornou a La Florida para retomar a missão, apesar de aguardar uma cirurgia de catarata.

Em 27 de setembro de 1990, um grupo de membros do *Sendero Luminoso*, formado principalmente por jovens, invadiu La Florida e convocou toda a população para uma assembleia. Na época, irmã Agustina estava com um grupo de meninas, dando-lhes aulas de culinária.



Quando se encontrou com os outros na praça central, foi forçada a formar uma fila com outras cinco pessoas.

Eles traziam uma lista das pessoas que iriam executar, entre elas uma religiosa. Foram acusadas de manipular crianças com educação e criticar a violência, além de espalhar uma mensagem de paz e justiça, organizar a população e distribuir alimentos, para apoiar os asháninkas. Em seguida, saquearam os armazéns da Cooperativa e o posto médico, seguiram com suas ameaças frequentes e dispersaram a população. A execução, que ocorreu em questão de segundos, deixou seis pessoas mortas no chão.

Aguchita foi a última e, como sempre fez, intercedeu perante Deus e diante dos executores por seus irmãos de martírio.

Aguchita, que ao longo de sua vida deu testemunho de seguir fielmente Jesus, o Bom Pastor, vivendo o carisma do amor, da misericórdia, da aceitação e da reconciliação, entregou sua vida a Deus enquanto ensinava algumas meninas e implorava misericórdia para seu povo.

Importância do martírio de Aguchita para a Igreja de seu tempo e para a Igreja hoje

A relevância do testemunho de Aguchita tem um duplo aspecto: refletir e concentrar-se em sua vida é especialmente luminoso para nossa igreja atual e o martírio em si para a Igreja peruana de seu tempo.

Quanto ao primeiro elemento, a vida de Aguchita se mostra totalmente atual. É surpreendente ver as coincidências, em sua vida cotidiana, com as linhas mestras da igreja atual apontadas pelo Magistério dos últimos anos: Papa Francisco, sínodos, CELAM, etc. Nós compartilhamos alguns deles.

A alegria de proclamar o Evangelho que empurra a igreja em sua saída missionária, enfatizada pelo papa Francisco em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, se reflete na mesma dedicação e alegria que Aguchita mostrou em sua missão, na catequese dos pobres e das mães necessitadas, e de igual maneira para os muitos alunos que a tiveram como educadora. A partir dela aprenderam não apenas ensinamentos práticos, mas mensagens de vida e fragmentos do Evangelho. Irmã Aguchita, na verdade, tornou-se testemunha do cristão que se esforça pelo que ela acredita, que divulga Cristo e sua mensagem em todas as ocasiões oferecidas a ela e àqueles que ela mesma procurou em suas saídas. Seu apostolado catequético foi lembrado muitas vezes por testemunhas, que a viram ir e voltar com impressões e imagens sagradas em sua bolsa para dá-las àqueles que encontrava, lendo a Bíblia e ensinando suas mães e filhos em La Florida a lê-la, ou simplesmente transmitindo Deus por meio de uma palavra de conforto e esperança.

Aguchita reflete sua relevância como religiosa em um contexto eclesial moderno no qual o papa constantemente lembra aos fiéis a importância da vida consagrada. Mais uma vez, os depoimentos de

quem a conhecia nos lembram o quanto Irmã Agustina transmitiu, com sua vida, ações e obras, um modelo exemplar de religiosa entregue e obediente, extremamente cuidadoso de cada irmã e da vida comunitária. Em tudo ela via a Deus e o mostrava aos outros. As noviças que tiveram a oportunidade de conviver com ela se lembram de que se emocionaram com a simplicidade e o zelo que ela mostrava.

O mesmo pode ser dito do Amor Misericordioso. O carisma da Congregação do Bom Pastor, à qual Aguchita pertencia, consiste justamente em fazer presente, onde é mais necessário, a misericórdia e o amor de Jesus, o Bom Pastor, que dá Sua vida por Suas ovelhas. Em sua vida de irmã professada e, especialmente, nos últimos anos de sua missão, irmã Agustina deu provas cabais de como incorporar esse carisma no cotidiano e na simplicidade da vida, preocupada com as ovelhas mais fracas, doentes e desgarradas. Por exemplo, ela orava e pedia orações pelos "companheiros", "nossas ovelhas perdidas".

Quando criança, sentia toda a criação como uma transparência de Deus e Seu Amor por nós. Ela viveu e ensinou respeito e cuidado extraordinário, foi uma recicladora inovadora e aproveitou tudo o que Deus nos disponibilizou para nosso benefício e o de quem nos cerca. Tudo valia a pena para ela, algo poderia ser usado. Foi uma concretude precoce no cotidiano dos gestos comuns solicitados pelo Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'*.

Não devemos ignorar o cuidado que ela mostrou, através de sua Congregação, com as mães pobres, as famílias em geral e com a redenção e justiça social das mulheres, buscando que elas fossem protagonistas de suas vidas, suas famílias, do desenvolvimento local e de sua igreja. Preocupada com a paz e a vida digna em suas famílias. Dizia às mães: "Vocês são as melhores professoras". Quantas famílias foram acompanhadas e se aproximaram de Deus, com tato, paciência e carinho 30 anos antes da exortação apostólica *Amoris Laetitia*.

Aguchita é aquela mulher santa "que mora ao lado". Se não fosse por seu martírio, teria passado despercebida pela maioria.

Ela sempre sonhou em ser missionária na selva, e Deus lhe concedeu com abundância. Permitiu que apreciásse nossa bela Amazônia e trabalhasse com seus acolhedores habitantes, tanto colonos quanto

nativos. De brinde, permitiu que ela regasse essa terra fértil com seu sangue frutífero, dedicado e intercessor.

Por fim, o martírio de Aguchita é um fruto maduro da igreja peruana: germinado e crescido nas montanhas, florescido e amadurecido no litoral e semeado, para multiplicar-se, na selva. Filha de nossa igreja, camponesa da serra, do Peru profundo, emigrante na caótica Lima, religiosa formada no Peru, promotora de jovens e mulheres peruanas, mártir do terrorismo, da fome e da pobreza. Irmã Agustina é nossa, de todos os peruanos e peruanas, fruto maduro de uma igreja que é debatida por crescer e amadurecer, para se tornar adulta, para aceitar e enriquecer-se de todas as culturas que o Peru abriga.



Nestes tempos de pandemia, Aguchita nos convida a caminhar confiando o tempo todo na presença de Deus, vivendo em solidariedade e compromisso com o irmão e a irmã, filhos da mesma igreja, ricos em sua diversidade.

Maio 2021